



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

**ROGER JOSÉ DA SILVA SANTOS**

**AS BARREIRAS DA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOGADORES DE FUTEBOL  
BRASILEIROS NO SÉCULO XXI: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

**2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**  
**EDUCAÇÃO FÍSICALICENCIATURA**  
**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE**

**ROGER JOSÉ DA SILVA SANTOS**

**AS BARREIRAS DA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOGADORES DE FUTEBOL  
BRASILEIROS NO SÉCULO XXI: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação física.  
Orientador: Prof. Marcelus Brito de Almeida

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

**2017**

Catálogo na fonte  
Sistema de Bibliotecas da UFPE - Biblioteca Setorial do CAV  
Bibliotecária Jaciane Freire Santana - CRB-4/2018

S237b Santos, Roger José da Silva.

As barreiras da escolarização dos jogadores de futebol brasileiros no século XXI: uma revisão literária / Roger José da Silva Santos. - Vitória de Santo Antão, 2017.

36 folhas.

Orientador: Marcelus Brito de Almeida.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, 2017.

Inclui referências.

1. Atletas. 2. Esportivização. 3. Escolarização de atletas. I. Almeida, Marcelus Brito de (Orientador). II. Título.

796.092 CDD (23.ed.)

**BIBCAV/UFPE-181/2017**

**ROGER JOSÉ DA SILVA SANTOS**

**AS BARREIRAS DA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOGADORES DE FUTEBOL  
BRASILEIROS NO SÉCULO XXI: UMA REVISÃO LITERATURA**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação física.

Aprovado em: 04/12/2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profº. Dr. Marcellus Brito de Almeida (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profº. Dr. David Filipe de Santana (Examinador Interno)  
Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão

---

Profº. Ms. Talitta Ricarlly Lopes de Arruda Lima (Examinador Externo)  
Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão

Dedico esse trabalho as grandes inspirações da  
minha vida, meus pais, minha avó e a minha  
esposa.

## AGRADECIMENTOS

Venho por meio deste texto demonstrar minha gratidão a todos que me apoiaram nessa caminhada e contribuíram de alguma forma para minha formação acadêmica. Primeiramente agradeço a Deus por ter me abençoado nesta jornada e oportunizado a vivência desse momento importante na minha vida. Agradeço a PROAES que me auxiliou financeiramente para que eu conseguisse concluir a graduação e possibilitou a participação em eventos.

Não poderia deixar de agradecer a minha mãe uma grande guerra um dos pilares da minha vida e a principal razão de eu estar aqui hoje, meu pai que não poderia ficar de fora a figura marrenta da casa que sempre soube falar as coisas na hora certa e sempre me auxiliando como podia. A minha Avó que é meu porto seguro que admiro e amo muito e sempre teve do meu lado quando eu precisei. Também tenho que agradecer ao meu Sogro Pedro e a minha Sogra Maria Celia que são pessoas tão maravilhosas que cuidam de me como um filho e sempre me apoiam no que é preciso.

Agradeço também a ela a pessoa que a graduação me presenteou e me fez um homem mais feliz a minha Esposa Karoliny que nessa caminha pode ver meus altos e baixos e em todos os momentos estava ao meu me apoiando. Sou imensamente grato por você na minha vida. Agradeço a Alisson, Thamires, Mayara, Leonardo, Ítalo, Edson, Clécio, Dayvson, Anderson, Denis, Erika e dentre outros que não tem como falar da minha graduação e não recordar vocês. Saibam que cada um de vocês foi muito importante para que essa minha caminhada fosse mais divertida e especial com a sua presença. Vocês são fantásticos!

Agradeço a esses professores incríveis que durante a graduação nos estimularam e contribuirão para nosso desenvolvimento. Obrigado por me ajudar a enxergar o mundo fora da caixa. E por fim e não menos importante agradeço ao meu orientador Marcelus por ter me acolhido em um momento com algumas complicações e que me deu o apoio para que esse trabalho conseguisse ser concluído.

Educação Física é a arte e a ciência do movimento humano que, por meio de atividades específicas, auxiliam no desenvolvimento integral dos seres humanos, renovando-os e transformando-os no sentido de sua autorrealização e em conformidade com a própria realização de uma sociedade justa e livre.

(MEDINA, 2012 p. 176)

## RESUMO

O esporte vem sendo um meio em que os jovens planejam conseguir ascensão social e econômica mais rápida, porém a realidade na maioria das vezes é árdua. O objetivo desta revisão foi identificar as barreiras encontradas na vida dos jogadores de futebol sobre a escolarização no século XXI. Este estudo é uma pesquisa é uma revisão da literatura do tipo narrativa, e foram consultadas as seguintes bases: Scielo, Portal de Periódicos e Capes e utilizados os seguintes descritores: Educação Física Escolar Esporte. História do Futebol. Esportivização Escolar. Escolarização dos atletas. Foram encontrados 574 artigos nas línguas inglesa, espanhol e portuguesa; destes utilizamos 58 artigos lidos na íntegra. Os resultados foram distribuídos em três capítulos, o primeiro falou sobre o contexto histórico Futebol; o segundo abordou o Esporte Educacional e, o terceiro discutiu acerca dos apontamentos sobre as barreiras encontradas na escolarização dos jogadores de futebol. Então podemos concluir que a jornada dos alunos/atletas em conciliação com a profissionalização vem sendo muito árdua, pois devido a grande demanda de treinos e a cobrança pelo alto desempenho.

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar. Esportivização. Escolarização de atletas.

## ABSTRACT

Sport has been a medium in which young people plan to achieve faster social and economic ascension, but reality is often arduous. The objective of this review was to identify the barriers encountered in athletes' lives regarding schooling in the 21st century. This study is a research is a literature review of the narrative type, and were consulted the following bases: Scielo, Portal of Periodicals and Capes and used the following descriptors: Physical Education School Sports. History of Football. School Sports. Schooling of athletes. 574 articles were found in English, Spanish and Portuguese; of these we used 58 articles read in full. The results were distributed in three chapters, the first talked about the historical context Football; the second addressed the Educational Sport, and the third discussed the notes on the barriers encountered in the schooling of soccer players. So we can conclude that the students / athletes' journey in conciliation with the professionalization has been very arduous, due to the great demand for training and the high performance collection.

**Keywords:** Physical Education. Sportsmanship. Schooling of athletes.

## LISTA DE ABREVIACOES

ABE	Associao Brasileira de Educao
CNE	Congresso Nacional de Educao
CAPES	Coordenao de Aperfeioamento de Pessoal de Nvel Superior
EF	Educao Fsica
EFE	Educao Fsica Escolar
PCN'S	Parmetros Curriculares Nacionais
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SEPH	Seo de Educao Fsica e Higiene

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>12</b>
<b>3. HIPÓTESE.....</b>	<b>13</b>
<b>4. OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
<b>4.1. Objetivo geral.....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>14</b>
<b>5. MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>15</b>
<b>6. HISTÓRIA DO FUTEBOL .....</b>	<b>16</b>
<b>6.1 Chegado do futebol ao Brasil.....</b>	<b>16</b>
<b>7. ESPORTE EDUCACIONAL.....</b>	<b>19</b>
<b>7.1. O esporte na escola.....</b>	<b>19</b>
<b>7.2 Esportivização.....</b>	<b>22</b>
<b>8. APORTAMENTO SOBRE AS BARREIRAS ENCONTRADAS NA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOGADORES DE FUTEBOL .....</b>	<b>26</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o período pré-escolar ao ensino médio os jovens passam pelo processo educacional, onde no mesmo sofrem grandes influências e a é determinante para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo e, portanto, para etapas subsequentes de sua vida. É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se as expectativas, bem como as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às potencialidades (BORSA, 2007). E é nesse meio educacional que a Educação Física Escolar (EFE) busca, então, em concordância com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ultrapassar o mero ensino do gesto motor, preocupando-se com a formação do cidadão que irá “usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física” (BETTI, 1992, p.285).

Os PCNs da Educação Física (EF) enfatizam que o ensino da mesma torna-se imprescindível, pois possibilita e oportuniza o desenvolvimento da cultura corporal do movimento, através dos jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças (BRASIL, 1997). Oportunizado assim que todos os alunos possam vivenciar e potencializar seus conhecimentos sobre todos os conteúdos propostos pela EF, influenciando, mas sendo principalmente influenciada pelo contexto escolar (BETTI, 1991).

Então com isso os estudantes passam na adolescência por um processo de transição onde afloram angústias e incertezas inerentes ao momento que vive. Nesse contexto educacional o jovem constrói a identidade ocupacional e precisa definir qual carreira irá seguir (LISBOA, 1997). Nesse sentido, a orientação profissional pode se tornar um aliado importante do adolescente no momento de escolha (SOARES, 2000), e poderia ser incluída nas bases curriculares, principalmente no ensino médio (LEVENFUS, 2010). Porém, a EFE não está sendo desenvolvida dessa forma significativa com grande abordagem dos conteúdos. Esses estão resumidos à prática esportiva, principalmente aos esportes coletivos como voleibol, basquetebol, handebol e futebol, limitando a produção de conhecimento corporal e cultural do aluno (GUERIERO; ARAÚJO, 2004).

Entretanto o Brasil demonstra dados negativos sobre a escolarização de jogadores de futebol. No estudo de Marques e Samuki (2009), realizado com atletas da idade máxima de 18 anos quando deveriam estar cursando o 3º ano do ensino médio ao considerarmos a cronologia das idades e séries escolares, a soma dos percentuais desde a 1ª série do Ensino Fundamental até a 2ª série do Ensino Médio, indica que pelo menos 53,2% dos atletas está defasado com relação à série correspondente à sua idade.

## **2. JUSTIFICATIVA**

Diante da popularização das oportunidades educacionais, da educação informal a formal, e achado investigativos no tocante à alta procura da especialização juvenil no futebol, surge o interesse de analisar as barreiras da escolarização sobre os atletas de futebol no século XXI.

### **3. HIPÓTESE**

Estimasse que a busca pela inserção social e estabilidade econômica pelo esporte vem deixando de lado a importância da conclusão da educação básica como meio de alcançar seus objetivos pessoais.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1. Objetivo geral**

Identificar através de uma revisão narrativa quais são as barreiras encontradas na vida dos jogadores de futebol sobre a escolarização no século XXI.

### **4.2 Objetivos específicos**

- Identificar as barreiras quanto a:
  - ✓ Processo de escolarização;
  - ✓ Dedicção ao esporte;
  - ✓ Desistência da escola.

## 5. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa que deu suporte ao desenvolvimento deste trabalho foi de natureza básica e abordagem qualitativa, na qual realizou uma revisão de literatura do tipo narrativa. Esse tipo de pesquisa segundo, Rother (2007), permite estabelecer relações com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo-se orientações de práticas pedagógicas para a definição dos parâmetros de formação de profissionais para atuarem na área.

No primeiro momento foi realizado levantamento dos dados nas seguintes bases: Scielo, Portal de Periódicos (Capes) e site de busca Google Acadêmico. Serviram como instrumento para coleta de dados, a partir dos seguintes palavras-chaves: Educação Física Escolar. Esportivização. Escolarização de atletas. Foram encontrados 574 artigos onde foi realizada a leitura dos títulos, resumos dos artigos e dissertações encontradas nas bases de dados e site de busca. Houve a leitura também de livros que abordavam temas de interesses da pesquisa onde foram selecionados capítulos para desenvolvimento deste trabalho. Como critério de inclusão foram inseridas apenas as publicações que responderam à questão do estudo, no idioma português, inglês e espanhol e que a literatura se adequasse com o tema abordado. Como critério de exclusão foram excluídos artigos que não se adequassem aos objetivos específicos da temática abordada. Com isso foram utilizadas 58 referências para formação dos capítulos.

Após a coleta referencial teórico, Foi realizada a leitura do material coletado e as principais informações foram selecionadas para o desenvolvimento do trabalho. Pode-se, no entanto, definir esse processo de análise qualitativo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (GIL, 2008).

Por fim, o trabalho está organizado em três capítulos: o primeiro falou sobre o contexto histórico Futebol; o segundo abordou o Esporte Educacional e, o terceiro discutiu acerca dos apontamentos sobre as barreiras encontradas na escolarização dos jogadores de futebol.

## 6. HISTÓRIA DO FUTEBOL

### 6.1 Chegando do futebol ao Brasil

Dados do IBGE revelam que os 25,6% dos brasileiros praticantes de esporte entre 14 aos 75 anos de idade, em 2013, tiveram o futebol como o mais procurado (IBGE, 2015). O futebol (do inglês football) também conhecido como Soccer nos Estados Unidos é um esporte que coloca duas equipes formadas por onze jogadores cada (dez jogadores de campo e um goleiro), para se confrontarem. Esse esporte no nosso país se tornou um fenômeno, mas teve uma grande jornada até se torna o que conhecemos hoje.

A prática do futebol não era considerada um esporte entre os séculos XVI e meados do XIX, uma vez que praticar esportes era uma atividade exclusiva da nobreza, que tinha preferência por outras atividades, tais como a prática do arco-flecha, caça e equitação (OLIVEIRA, 2012). A ortodoxia histórica alega que esse jogo “bruto” dos plebeus foi aperfeiçoado pelas escolas públicas da elite da Inglaterra através de normas rígida que dividiram o jogo em rúgbi e futebol (HANKEY, 2007). Já Giulianotti, (2002) afirma que o futebol foi criado na Inglaterra no ano de 1823, a modalidade foi registrada oficialmente em 1863 em Londres, com a criação do Football Association que catalogou as primeiras regras da modalidade na Freemason Taverne onde em 1888 o futebol se profissionalizou na Inglaterra (KAZ, 2013).

No Brasil surgiu por meio dos colégios jesuítas (SANTOS NETO, 2002), quando em 1894 apareceu o principal propulsor da modalidade no país, o pai do futebol brasileiro, Charles Miller. Charles Miller esteve estudando na Inglaterra onde foi apresentado ao futebol. Ele era adepto do dribbling, ou do drible, maneira insinuante de superar os zagueiros para chegar ao gol. Miller poderia gostar do passing, isto é, da troca de passes, que desde aquela época faz do futebol europeu essencialmente técnico e eficiente (GUTERMAN, 2013). Em sua chegada ao Brasil à construção do estilo de jogo e mesmo sua reprodução foram um meio de consolidar nossa identidade, que simbolicamente convencionou-se chamar de futebol-arte (DAOLIO, 2005), que segundo Freyre:

[...] o nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual [que] parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está

hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1938, p 212).

A identidade do futebol brasileiro foi construída a partir de uma série de oposições, tendo como pano de fundo os europeus (DAMO, 1999). Os brasileiros tinham características que nos tornaram conhecidos internacionalmente com jogadas de efeito, os dribles, enfim, de valorizar o nosso jeito (DAMATTA, 1982). Desde os primeiros anos no Brasil, o futebol foi ganhando adeptos e excelentes praticantes, alcançando na atualidade uma das primeiras posições com títulos internacionais em todas as categorias.

O futebol brasileiro foi gerado nos centros urbanos, onde se jogavam as famosas “peladas” nos campos de várzea (FREIRE, 2006). As práticas comuns do futebol nas várzeas, nos clubes ou nas escolas, costumam dar atenção somente para os mais habilidosos. Nas aulas e EF, precisamos que o aluno brinque de praticar esporte, jogos, lutas, ginástica; desenvolvam conhecimento sobre o próprio corpo; sejam expostas atividades rítmicas e expressivas (BRASIL, 1998). Salienta-se que o futebol é um conteúdo, assim como a dança, que permite mais facilmente a problematização das tipificações, possibilitando, assim, a utilização desta modalidade tão significativa para a maioria dos meninos e meninas, podendo favorecer discussões bastante importantes sobre as questões sociais e comunicativas (KUGELMANN, 1997).

O futebol faz parte da identidade do País e além de ser considerada a paixão nacional, também é um processo cultural onde estamos inseridos por um contexto em que este fenômeno em sua totalidade é uma parte significativa da nossa cultura, carregado de sentidos para aqueles que o praticam. Na escola, o futebol detém presença no componente curricular, sendo apontado na literatura como o mais frequente entre os temas e práticas, inclusive promovendo a exclusão das meninas nos jogos e dando uma ênfase na importância das regras. Foi necessário a elaboração de normas de conduta e de inclusão mais concretas para as meninas na prática da modalidade, de forma que isto não se limitasse, como era o caso, à participação efetiva de algumas e na exclusão ou participação secundária de várias (ALBINO, 2008).

Assim, vale salientar que o futebol é um conteúdo, assim como a dança, que permite mais facilmente a problematização das tipificações, possibilitando a utilização desta modalidade tão significativa para a maioria dos meninos e meninas, podendo favorecer

discussões bastante importantes sobre as questões sociais e comunicativas (KUGELMANN, 1997).

## 7. ESPORTE EDUCACIONAL

### 7.1. O esporte na escola

O esporte se apresenta para a sociedade contemporânea como um fenômeno de grande abrangência social tanto do ponto de vista do espetáculo como também como atividade profissional e comercial (RUBIO, 2006). Sendo uma manifestação capaz de estimular grandes emoções e comoção, o esporte se diferencia de outros espetáculos por levar protagonistas e espectadores a se posicionarem.

Importante dizer que o esporte, enquanto fenômeno cultural foi assimilado pela EF, inicialmente, sem que isto modificasse a visão hegemônica de sua função social (desenvolvimento da aptidão física e do "caráter"), mas, paulatinamente, o esporte se impõe à EF, ou seja, instrumentaliza para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo (BRACHT, 2000). Atualmente, o esporte é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal na escola de 1º e 2º graus (BETTI, 1995). Segundo Bassani (2003), o esporte na EFE é um conteúdo central presente nas aulas assim como prática extracurricular, os esportes são motivo de canalização de importantes recursos financeiros, materiais e simbólicos nas escolas brasileiras. Porém, essas modalidades esportivas tais como, basquetebol, o futebol e voleibol estão incluídos na maioria dos conteúdos das aulas de EF.

Levando em consideração outras modalidades, o atletismo e a ginástica artística chegam a ser raras e são difundidas entre os escolares dessa faixa etária. Tendo em vista que os currículos que formam os professores incluem disciplinas como dança capoeira, judô, atividades expressivas, ginástica, folclore e outras, de acordo com as opções de cada instituição (BRASIL, 1997). Apesar de a EF possuir diversos conteúdos, a escola assumiu o ensino do esporte como única alternativa de aprendizagem, que, em alguns casos, o professor acaba acatando esse pensamento difundindo pelo ambiente escolar (BETTI, 1995).

O esporte escolar resistiu até mesmo ao ataque desferido por uma parcela do pensamento crítico da EF brasileira nos anos 1980 e 1990, que o relacionou diretamente à ditadura militar e aos mecanismos de opressão política e sujeição do corpo (BASSANI *et al.*, 2003). Passando também nesse século a celebração das práticas esportivas não apenas sobreviveu a este ataque que em meio aos evidentes devaneios, apontou e desenvolveu uma

crítica muitas vezes pertinente e progressista como também voltou hoje a ser uma das bandeiras contemporâneas da inclusão social. O governo federal anuncia como uma de suas realizações o projeto Segundo Tempo, que visa atender com atividades esportivas crianças e jovens no período contrário ao da escolarização regular (OLIVEIRA, 2011). O programa tomando como regra básica é que os beneficiados vivenciem ao menos três modalidades (duas coletivas e um individual).

O esporte, conforme o artigo 217 da Constituição federal é um direito de cada cidadão. É dever de o estado brasileiro garantir seu acesso à sociedade, contribuindo para reversão do quadro de vulnerabilidade social, atuando como instrumento de formação de valores, a promoção de saúde e a elevação dos níveis da consciência crítica e do exercício da cidadania (LORENZINI *et al.*, 2015). Entendendo o esporte educacional como papel de promover o desenvolvimento da cultura corporal e cultivar e incrementar atividades lúdicas, que segundo Ministério do Esporte (2016), o esporte educacional quando efetiva a participação voluntária e responsável da população, concretizando a auto-organização e a autodeterminação com práticas que não comprometem o caráter genuinamente nacional e popular. Assim, a escola deve promover o desenvolvimento das atividades que satisfaçam às necessidades lúdicas, estéticas, artísticas, combativas e competitivas do povo, tendo como prioridade educa-lo em níveis mais elevados de conhecimento e de ação que se reflitam na criação de possibilidades de solução dos problemas sociais que, no momento, impedem o progresso social. Como nem o esporte nem a educação - e, por conseguinte, a pedagogia esportiva - pode ser entendida fora do contexto mais amplo da sociedade contemporânea, parece-nos que ainda é necessário pensar estas questões no contexto da indústria cultural.

Sabemos que o corpo não é educado apenas por meio dos esportes e das outras práticas presentes na EFE, mas em vários tempos e espaços que compõem as múltiplas dinâmicas de escolarização. “O esporte não é educativo sob todos os planos, a menos que um educador faça dele ao mesmo tempo um objeto e um meio de educação” (BELBENOIT, 1993, p. 38). O esporte é aquilo que se fizer dele. Terá ou não valor educativo dependendo da forma como for utilizado, pois é um reflexo das pessoas que o praticam.

Entre os autores que analisaram o esporte no contexto escolar temos, por exemplo, Bracht (1986,1992) que discutiu o caráter funcionalista da aplicação do esporte na escola, demonstrando que, de forma como o mesmo é desenvolvido, serve apenas para dar continuidade ao processo de dominação capitalista. Mesmo compreendendo que o esporte realmente poder ser utilizado de forma irrefletida, concordo com Kunz (1991, p. 165) quando considera que o mesmo poderá possuir outro significado, contribuindo para uma “Concepção

mais ampla, de fenômeno Antropológico, Sociocultural e Histórico”. Poderá, dessa forma ser entendido como um meio social pedagógico a ser utilizado em EFE.

A um caminho na direção da utilização do esporte, bem como de jogos populares e de salão, de forma metodológica pedagógica que não a habitual (TAVARES, 1995). Utilizando-se do conhecimento dos próprios alunos, elaborou, juntamente com os mesmos, uma unidade de ensino para trabalhar o conteúdo jogo. Tanto os objetivos, quanto as estratégias e avaliações, partiram do coletivo, ou seja, da interação do conhecimento do professor e dos alunos, além de pesquisas sobre o assunto. Segundo Bracht:

Devemos entender que o movimento que a criança realiza num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões determinando valores e normas de comportamento. Portanto, aquela ideia de que atuando sobre o físico estamos automaticamente e magicamente atuando sobre as outras dimensões, precisa ser superada para que estas possam ser levadas efetivamente em consideração na ação pedagógica... O que atualmente acontece é que as estratégias/atividades são totalmente norteadas pelos objetivos relacionados à aptidão física, destrezas desportivas, aprendizagem motora [...] (BRACHT, 1992, p. 66)

A prática do ensino sem a contextualização de técnicas e táticas, da seleção dos mais hábeis em detrimento dos menos hábeis (da separação das turmas de treinamento como substituto de aulas regulares) ou a utilização de apenas uma modalidade de esporte em um meio para alguma coisa que não sei identificar bem, mas não, certamente, em um meio educativo para a convivência social. O esporte será aquilo que se fizer dele e esta responsabilidade, pelo menos até aqui, está nas mãos do professor de EF (BELBENOIT, 1974).

## 7.2 Esportivização

A EF surge no século XVIII, com alguns filósofos preocupados com a educação. A formação da criança e do jovem passa a ser concebida como uma educação integral – corpo, mente e espírito –, como desenvolvimento pleno da personalidade (SOARES, 1996). O que observamos nos dias atuais é que ela não está se desenvolvendo de forma a explorar a diversidade de movimentos e expressões, sobre as quais o homem se desenvolveu. Ao contrário, a prática da EF nas escolas vem se desenvolvendo de forma a incentivar a prática desportiva. Dessa forma, outros objetivos dessa disciplina não estão sendo explorados (BARBOSA *et al.*, 2009).

Essa tendência de desenvolvimento de modalidades desportivas coletivas na escola como única forma de entendimento da EF, pode gerar uma caracterização das aulas de EF como treinamento desportivo (GUEDES; GUEDES, 2017). Isso pode causar uma identificação dos alunos de escolas, tanto públicas como particulares, com a prática de esportes. O esporte foi desenvolvido de maneira tecnicista, sendo aplicado desde as primeiras séries do ensino fundamental. Portanto, tornou-se lugar comum localizar a esportivização da EF na década de 1960 por conta dos investimentos do governo ditatorial nessa área (BRACHT, 2000).

A EF tem o movimento como um meio e um fim para atingir seu objetivo dentro do contexto escolar. O movimento pode ser entendido como uma atividade que se manifesta através do jogo, do esporte, da dança ou da ginástica. Porém, a escola escolheu o ensino do esporte praticamente como única estratégia de ensino (GUERIERO; ARAÚJO, 2004). É fácil perceber essa afirmação, pois basta fazer uma visita a alguma escola no horário de EF, mesmo que ela não tenha estrutura necessária para isso.

O Esporte torna-se prática na EF a partir da ditadura militar no Brasil na segunda metade do século passado (SOARES, 1996). E, apesar da EF ter vários objetivos, como o desenvolvimento do sentimento de grupo, cooperação, etc. o objetivo da escola é a aprendizagem do esporte, ficando a ginástica e a corrida, por exemplo, como simples aquecimento. A expressão, a criação e a comunicação ficaram em segundo plano e foram substituídos pelo ensino do esporte (GUERIERO; ARAÚJO, 2004).

A EFE tende a apresentar uma esportivização de suas aulas em algumas séries do ensino fundamental (GUERIERO E ARAÚJO, 2004). Esse caráter esportivizado, onde modalidades esportivas coletivas tradicionais são usadas sem uma fundamentação teórica que garanta os seus aproveitamentos como conteúdos acadêmicos, prejudica a EF como disciplina,

não a permitindo crescer e alcançar seus objetivos mais amplos. Apesar de se remeter ao esporte alguns objetivos como a saúde, a moral e o valor educativo, o mesmo não será, a menos que um professor/educador faça dele um objeto e um meio de educação. Isso não quer dizer que se queira negar totalmente o esporte, mas sim levantar questões sobre sua orientação no sentido do Princípio de Rendimento e Concorrência, que selecionam os melhores, classifica e rejeita os mais fracos.

O esporte não pode ser aplicado no meio escolar como uma atividade assistemática, efêmera e inconsequente, ele não deve também limitar-se apenas ao fazer por fazer. Segundo Neuenfeldt (2001 p. 3), “todo profissional de EF deve ter claro, ao lecionar, quais são os objetivos que perseguem com cada conteúdo que desenvolvem, qual é a contribuição que devem oferecer e deixar aos seus alunos”.

As reflexões sobre o corpo e sua cultura podem explicar as posturas corporais e as evoluções desde o homem primitivo até o atual. Desde a descoberta do primeiro instrumento de trabalho do homem, a mão, desde a postura bípede, das linguagens corporais, tudo pode se explicar através da diversidade dos movimentos e das necessidades do homem. Essa reflexão evolutiva pode ser trabalhada na Educação Física escolar através de expressões corporais como: "dança, jogos, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímicas, e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem historicamente criado e culturalmente desenvolvido" (SOUZA JÚNIOR *et al.*, 1992, p.50).

Porém, a EFE não está sendo desenvolvida de forma significativa com grande abordagem dos conteúdos. Esses estão resumidos à prática desportiva, principalmente aos esportes coletivos como voleibol, basquetebol, handebol e futebol, limitando a produção de conhecimento corporal e cultural do aluno. Essa tendência de desenvolvimento de modalidades desportivas coletivas no âmbito escolar, como única forma de entendimento da EF, pode gerar uma caracterização das aulas de EF como treino esportivo (GUERIERO, 2004).

Segundo Barbosa *et al* (2009) de todos os conteúdos de ensino presentes em aulas de EF parecem-nos que aqueles de natureza esportiva sempre predominaram o que não é algo ruim, mas ainda faltam muitas coisas nas aulas. O que podemos observar nas instituições de ensino superior é que formam professores de EF é que elas ensinam muitas matérias que estão ligadas ao esporte. Podemos ver que isso é apenas um reflexo do passado onde na década de 60 e 70 a EFE já tinha sido confundida com o esporte de maneira equivocada atendendo a interesses político que visavam se beneficiar desta condição. Dessa forma, o esporte foi

desenvolvido no âmbito escolar de maneira tecnicista sendo aplicado desde as primeiras séries do ensino fundamental (KUNZ, 2001). Então com essas influências de interesses e de ensino superior na formação do professor de EF fica difícil para o profissional agir diferente. Mas, mesmo aqueles que aprenderam outras coisas como a dança, o folclore e etc., na maioria deles não passam esses conteúdos para seus alunos na escola (BARBOSA *et al.*, 2009).

O professor de EF dá mais valor ao desenvolvimento de competências e habilidades esportivas, onde sempre se sai melhor o mais forte e melhor naquele esporte. O que vemos, na realidade, é que muitos professores de EF se acomodam e falam que é difícil mudar esta característica esportizada nas aulas, alegando que os alunos não permitem, e não querem esta mudança (BARBOSA *et al.*, 2009). Essa acomodação e falta de comprometimento com as obrigações do educador fazem com que aulas de EF se tornem pouco expressivas para a formação dos alunos, e assim, têm sua importância questionada na escola. Falta o envolvimento do professor para planejar suas aulas, de definir qual será sua participação durante as atividades aplicadas na aula, pois definirá a motivação dos alunos e, assim, a qualidade das mesmas (GUERIERO; ARAÚJO, 2004). Mas também devermos analisar que alguns professores muitas vezes não têm como se dedicar às suas aulas como deveria, pois muitos deles necessitam trabalhar em várias escolas ao mesmo tempo para conseguir ganhar um salário que dê mais conforto. Por isso, o professor não tem um tempo para o planejamento de suas aulas (BARBOSA *et al.*, 2009).

É possível, mas pouco provável negar aos alunos, nas aulas de EF o aprendizado de esportes, mais do que isso, temos que aceitar que esse é um fenômeno da cultura corporal de movimento e trabalha adequadamente com ele (LOVISOLO, 2001). O que não podemos aceitar é que a forma como este conteúdo é transmitido não passe pela compreensão e transformação do aluno. Falta, portanto, construir uma nova forma didática de utilização dos esportes na escola que consiga delegar a este fenômeno a tão almejada educação pelo/através do esporte. Segundo Correia (2004), afirma que se pode estabelecer uma ressignificação do seu sentido ou uma transição do modelo de competição tradicional para outros inovadores, incorporando valores mais humanos.

Segundo Zardo e Daniel (2010), o profissional de EF tem que explorar tudo que podem ser desenvolvidos nas aulas, os PCN's deixam bem claros os conteúdos que devem ser abordados, cabe a cada um ser ético e ter vontade de fazer suas aulas as melhores, não sempre as básicas ou a mesmice de sempre, o professor é pesa importantíssima na formação do cidadão. A função do professor é a de promover o entendimento dos vários sentidos que os jogos esportivos possam ter como resolver os conflitos surgidos em sua realização e a

compreensão, e até, alteração de suas regras (BARBOSA *et al.*, 2009). O professor de EF é o mais indicado para abordar estes assuntos, sem, no entanto, transformar a aula em pura teoria.

Existe a necessidade de a aula ser um lugar de aprender coisas e não apenas o lugar onde aqueles que dominam as técnicas de um determinado esporte vão “praticar” o que já sabem, enquanto aqueles que não sabem continuam no mesmo lugar (SOARES, 2017). Se estivermos na escola, devemos dar um tratamento escolar ao conteúdo e, sobretudo dar lugar a abrangência que ele possa ter. Talvez as pesquisas sobre ensino hoje já possam romper com a visão tecnicista e mergulhar no conteúdo de cada área. Talvez hoje, estejamos necessitando estudar Ginástica, Jogos, Dança e Esportes e de posse destas fantásticas atividades codificadas pelo homem em sua história valer-se, criativamente, de metodologias que encerrem valores mais solidários, que apontem para uma saudável relação entre indivíduo e sociedade e vice-versa (BARBOSA *et al.*, 2009).

O Ensino da Ginástica ou de qualquer Jogo Esportivo, por exemplo, sempre encerrará em seu interior uma dimensão técnica. Mas, uma dimensão técnica não significa nem tecnicismo nem “desempenho”. O lugar do “desempenho” não é na escola (SAVIANE *et al.*, 2017). O caráter lúdico pode prevalecer sempre numa aula de EF, desde que ela seja realmente uma aula, ou seja, “um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da EF e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social” (CORREIA, 2006). Enfim, o professor deve estar ciente de sua capacidade de transformação social, de sua intensa participação na formação de valores para o caráter de seus alunos, auxiliando a construção de conhecimentos nas aulas de EF.

## **8. APORTAMENTO SOBRE AS BARREIRAS ENCONTRADAS NA ESCOLARIZAÇÃO DOS JOGADORES DE FUTEBOL**

Um dos fenômenos sociais de grande envergadura nas sociedades complexas ocidentais é o esporte. Entre suas formas e dimensões, a vertente espetacularização é certamente aquela que ganha maior destaque na mídia e nos comerciais publicitários. No Brasil, a modalidade esportiva de maior relevância econômica, simbólica e social é o futebol, o qual envolve paixões, eufemismos e dramas sociais. Sua abrangência se mostra muito ampla quando pensada como um fato social total (MAUSS, 2003). Os resultados de equipes de futebol e de seus jogadores impactam na vida social de diferentes maneiras: ditam moda nos cabelos, no vestuário e no comportamento, afetam o humor de vários indivíduos no cotidiano, provocam o consumo de informações e produtos, entre outros elementos. Além disso, algumas das ações que envolvem o futebol influenciam diretamente a vida política, econômica, religiosa e social. Seu poder de penetração nos mais diversos espaços da sociedade cria uma socialização com regras e códigos de valores que o fazem ser reconhecido como um fenômeno de várias facetas e dimensões (CONCEIÇÃO, 2015). O universo do futebol parece seduzir e alimentar sonhos pessoais e familiares de jovens e adultos<sup>1</sup>.

Os jovens dão vazão à imaginação inspirados pelo sonho que quase sempre vem influenciado pela mídia, que cria um mundo de ilusão, no qual acreditam ser uma realidade acessível a todos, sem perceber as lacunas entre o anonimato e o sucesso (GUERRA; SOUZA, 2008). Os afortunados que chegam ao topo da cadeia esportiva, isto é, os jogadores profissionais bem-sucedidos, servem para retroalimentar os valores ideológicos que são disseminados em veículos de mídia diversos. Segundo Conceição (2015, p. 12) “somam-se, no caso do futebol brasileiro, as conquistas globais de nossas seleções, times e jogadores, que desencadearam uma posição de destaque aos praticantes/profissionais dessa modalidade”.

A relação trabalho-escola é citada por Hotza (2000), que verificou que a concentração de abandono nas primeiras fases poderia ser justificada pela decepção com as expectativas positivas e com a possibilidade de exercer a carreira escolhida. Essas possibilidades de atuação profissional são importantes também porque, de acordo com Oliveira e Bittar (2010,

---

<sup>1</sup> O termo especialista é utilizado para designar, no processo de esportivização, a criação de um público apto a apreciar a modalidade esportiva. Também pode designar ex-profissionais que como parte de sua reconversão profissional atua em carreiras de comentaristas ou treinadores.

p. 25), “muitos alunos esperam que o estudo possa melhorar suas condições de vida”. Onde será que enquadra o lugar da escolarização dos jogadores de futebol? O termo escolarização utilizado refere-se à função da escola no processo de formação do cidadão, em seu aspecto cultural, social e acadêmico (CARVALHO; HAAS, 2014).

Nesse contexto, os estudos sobre escolarização dos jogadores de futebol apontam para dificuldades deste grupo de alunos em conciliar as obrigações esportivas exigidas pelos clubes com as responsabilidades escolares exigidas pelas Instituições de Educação. Alguns clubes brasileiros mantêm unidades escolares dentro de suas dependências (CARVALHO, 2014). Do ponto de vista prático, elimina-se o problema de locomoção fazendo com que o aluno-atleta não precisar sair das dependências do clube. Entretanto, segundo Marques e Samulski (2009, p. 37), “um aspecto limitador da escola instalada dentro do clube é a diversificação dos círculos sociais, pois ao frequentarem uma escola regular, os atletas têm contato com outros jovens não envolvidos com o esporte, possibilitando novas amizades”.

Nesse cenário, onde se procuram ações para conciliar treinos, competições e estudos, a Universidade do Porto (Portugal) elaborou um estatuto específico para estudantes-atletas no qual reconhece que a excelência de resultados desportivos tem permitido a muitos desses estudantes representarem a Universidade do Porto em diversos campeonatos europeus e integrar a lista de atletas que representem Portugal nos Jogos das Universidades (BRASIL, 1998). Para Damo:

A carreira do sportista é muito específica se comparada às outras carreiras convencionais. Sua aposentadoria em média é muito precoce, com aproximadamente trinta e cinco anos. Desde o início da carreira, o jovem atleta participa de árduos treinamentos nos clubes, realiza repetições de movimentos e submete-se a trabalhos físicos extenuantes (DAMO, 2007, p. 43).

Chegando nesta fase de transição do profissional para aposentadoria o atleta se depara com situações positivas e negativas causadas pela sua carreira esportiva. Sabendo que as histórias individuais articulam-se não a uma verdade universal, mas a um saber exemplar peculiar – a comunicação de uma sabedoria prática, de um conhecimento de vida e de experiência – que os meios de comunicação de massa não fazem circular a não ser convertidas em espetáculo mercadoria (SANTAMARIANA; MARIANAS, 1998).

Dessa forma, a carga horária destinada à escola perde espaço, com cultivo exigente de dedicação ao condicionamento físico, diminuindo a rede social auxiliar dos pais nos estudos pela distância dos familiares. O longo processo seletivo pelo qual passam os jovens é extremamente cansativo, e, muitas vezes, envolve uma série de obstáculos tais como a separação dos familiares e do seu meio social (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Levando em consideração tais obstáculos observamos que há uma grande dificuldade de continuação dos estudos, devido ao alto grau de cobrança nos treinamentos e competições, fazendo com que muitos dos atletas não concluam o ensino médio e esporadicamente chegar ao ensino superior, sendo assim há uma busca incansável pelo sucesso e estabilidade econômica. Chegando a uma fase de transição da sua carreira que dificulte sua volta para alguma instituição de ensino.

O processo de seleção de alguns dias ou semanas consome as energias dos jovens atletas e recria novas perspectivas de sucesso no esporte e quase nunca por meio da escola, até porque estão distanciados – EF e simbolicamente - dela, especialmente no caso daqueles que vem de outras cidades e Estados brasileiros. Esse dado também é reforçado na pesquisa realizada por Marques e Samulski (2009), sobre a análise de carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional. Segundo os autores, os jogadores de futebol por eles investigados deixam de morar com os pais, em geral, a partir dos 13 anos de idade, e a maioria destes jovens não tem contato diário com seus familiares.

O foco primordial da formação no esporte está na inserção dos atletas nos clubes profissionais, e para isso são organizados centros de treinamento com toda uma estrutura científica, com quadro de profissionais em um espaço social privilegiado para novas tecnologias e saberes (SANTOS, 2009). Nesse espaço o conhecimento adquire um caráter institucionalizado, passando a ser reconhecido. Desta maneira, as chances de se tornar jogador de futebol profissional fora de um espaço privilegiado como um centro de treinamento carrega uma dificuldade enorme. O desejo de “brincar de bola”, que, em princípio, foi aprendido na rua, no espaço doméstico e na escola com certa espontaneidade, mobiliza os sonhos e desejos em um projeto que vise superar um limitador entre dois mundos, o do futebol amador e do profissional.

A fronteira a ser superada, ou obstáculo, é de um alambrado que marca o estar dentro ou fora de uma formação em um clube de futebol (CONCEIÇÃO, 2014). Muitos jovens investem recursos familiares percorrendo bairros, cidades e Estados brasileiros (precisamos considerar que cada vez mais jovens viajam para o exterior com o propósito de realizar testes)

na busca de uma oportunidade para mostrar no processo institucional e formalizado o quanto são talentosos (SOUZA *et al.*, 2008). Para o jovem e seus familiares, a inserção em um clube de futebol ou em uma categoria de base reconhecida dentro do campo de formação de atletas significa um afastamento com os laços familiares e a vizinhança, uma separação que sinaliza o início “exitoso” do sonho de jogador profissional (RIAL, 2008; CONCEIÇÃO, 2014).

Uma inserção em um mundo de técnicas, táticas, gingas, dribles, virilidade, vontade e êxtase do gol. O sonho da passagem de um “brincar de bola” para um “jogar bola” está calcado na fama e no dinheiro (CONCEIÇÃO, 2014, p. 31). As escolas e escolinhas iniciam o jovem no sonho de projetar uma carreira de sucesso, recebendo incentivo de pais, professores de EF ou treinadores. Os olhares e o destaque de determinada característica que se sobressaia à normalidade dos muitos candidatos a futuros jogadores de futebol é passaporte para galgar oportunidades em busca de um conhecimento mais institucionalizado (CONCEIÇÃO, 2013).

Os clubes de futebol que desenvolvem a formação esportiva são reconhecidos como entidades formadoras e como tal devem seguir as orientações que constam na Lei Pelé (BRASIL, 1998) e na Nova Lei Pelé (BRASIL, 2011), as quais ditam diretrizes sobre o fornecimento e atendimento de requisitos básicos aos jovens atletas. Estas diretrizes versam sobre treinamento, atendimento de saúde (médica, odontológica, psicológica e educacional), alojamento (alimentação e transporte), convívio com a família e também sobre proporcionar matrícula escolar, certificando-se que jovens atletas tenham frequência e satisfatório aproveitamento. O problema a destacar são as brechas existentes na legislação quanto ao requisito escolarização, pois não são definidas maneiras de acompanhar o desempenho escolar dos jovens. Esta abertura parece fazer com que os clubes tomem decisões que favorecem a formação no esporte em detrimento da escolarização dos jovens (CONCEIÇÃO, 2015).

Não que isso leve os clubes a retirarem os jovens da sala de aula, mais permite a eles tomar ações de matricular os atletas em escolas particulares ou públicas, em horários que não interfiram nos treinos, ou mesmo, podem incentivar a matrícula em programas educação de jovens e adultos, priorizando sempre o período de formação nos treinamentos (BARTHOLO *et al.*, 2011). Portanto, o maior ganho (não para o atleta) da “formação à brasileira”, quando comparada a modelos de formação esportiva de outros países, 30 é a liberdade com que os clubes têm para formar sem priorizar a conciliação com a agenda escolar (DAMO, 2005, p. 219). O que podemos analisar é que a inserção em categorias de base para formação esportiva pode interferir na escolarização, pois as políticas públicas brasileiras não oferecem suporte para mudança do processo atual.

Nesse sentido, destaca-se uma dupla resistência para o desinteresse na escola: o processo de formação pelos clubes não atribui uma importância maior ou uma ressignificação do conhecimento escolar e nem parte da população reconhece sua utilização no meio esportivo (CONCEIÇÃO, 2015). A falta de maior compromisso com a escolarização na legislação esportiva vai ao encontro dos interesses envolvidos no mercado futebolístico e de seus agentes, o que é muito interessante para o mercado manter a reprodução do modelo vigente. Por essa razão, não se deve atribuir toda a culpa aos clubes, pois muitos dos meninos são oriundos de um estrato social que não vê na escola uma instituição privilegiada, pelo fato de ser vista como contrária ao “trabalho” formativo no esporte voltado para práticas físicas, que não se adequam a disciplina corporal exigida em sala de aula (DAMO, 2005).

Nessa tomada de decisão, o clube pode perder um grande potencial que preferiu escolher ter maior êxito nos estudos, ou, na outra face dessa moeda, o atleta acaba por limitar suas possibilidades acadêmicas ao manter um interesse mínimo pela escolarização (MARQUES, 2008, p. 35), já que a matrícula e a frequência são obrigatórias. No geral, a escola, na figura de seus professores e no conhecimento que ela valoriza, possui certa distância da realidade de seus estudantes, sejam eles trabalhadores, atletas ou qualquer outro de origem social popular. O que acaba implicando diretamente em seu comportamento:

Para os alunos a escola é um lugar no qual eles não se sentem bem nem à vontade. Mesmo aqueles que, fora da escola, são faladores, espertos, curiosos e alegres, dentro da sala de aula vão ficando calados, passivos e tristes. (CECCON *et al.*, 1982, p. 16).

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço empreendido neste trabalho buscou ampliar o foco de luz em identificar, através de uma revisão narrativa, quais são as barreiras encontradas na vida dos jogadores de futebol sobre a escolarização no século XXI. O tema, seu recorte e as categorias utilizadas representam parte da formação adquirida na graduação. A proposta partiu da análise sobre estudante/atleta com ênfase nas barreiras encontradas em sua escolarização.

O espaço escolar, como local rico e propício para contato e relações interpessoais, parece ser valorizado pelos profissionais do clube e da educação, pois permite aos atletas uma fuga da bolha que parece ser vivida dentro do mundo do futebol. Nesta pesquisa, pode-se perceber que o futebol está entre os desejos dos jovens em conseguirem através do mesmo uma chance para realização de um sonho e alcançar a ascensão econômica mais rápida podendo através dela ajudar seus familiares, pois muitos dos jovens atletas vêm de família de baixa renda.

Tendo assim o destaque concentrando no quanto o desejo de “Se tornar jogador de futebol” passa a ser canalizado para um projeto familiar com o objetivo de superação do primeiro alambrado, o de inserção na formação futebolística. À medida que inicia seu percurso na carreira, o “Se tornar jogador de futebol” dá lugar ao “Jogador de futebol” propriamente dito.

As exigências da carreira promovem barreiras como separação e rupturas, sendo a primeira dos laços familiares com o distanciamento do jovem de sua casa. Esse encadeamento leva a outras escolhas e desistências, principalmente quando o campo de possibilidades dentro da carreira permanece rumo à profissionalização. Entre as desistências que se opta por fazer esta à escola, outra instituição deixada de lado. O processo sócio histórico da educação brasileira favoreceu a consolidação de um sentido de divergência com a escola e seu conteúdo.

Sendo assim, a utilização do esporte como principal tema nas aulas de EF e o futebol sendo a porta de entrada dos alunos para profissionalização, os esportes devem ser abordados de forma adequada. Pois deve ser levada em consideração a importância da formação educacional em sua trajetória e realidade encontrada no Brasil pelos atletas que se deparam com grandes barreiras em seu caminho. Que o estado possa possibilitar práticas pedagógicas que potencialize ainda mais as políticas voltadas para o auxílio da formação dos jovens atletas presente na iniciação esportiva. E que nesse processo os clubes e as escolas consigam

perceber as limitações do aluno/atleta adequando seu planejamento a partir das dificuldades encontradas durante a sua formação educacional.

Então podemos concluir que a jornada dos alunos/atletas em conciliação com a profissionalização vem sendo muito árdua, pois devido a grande demanda de treinos e a cobrança pelo alto desempenho. Porém, a problemática não se esgota neste trabalho, na verdade, abre mais portas para outros questionamentos. Novas perguntas movem o interesse por respostas para entendimento das ações dos sujeitos em prol de seus projetos no mundo esportivo do futebol. Refletindo, assim, precisamos conhecer melhor o futebol por dentro de suas representatividades e não só pela simples leitura de jornais e revistas (WISNIK, 2008).

## REFERÊNCIAS

- ALBINO, B. S. *et al.* Acerca da violência por meio do futebol no ensino de Educação Física: retratos de uma prática e seus dilemas. **Pensar a Prática**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 139-147, 2008.
- BARBOSA, S. C. *et al.* A Esportivização da Educação Física no Ambiente Escolar. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 14, n. 133, 2009. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd133/a-esportivizacao-da-educacao-fisica.htm>> Acesso em: 24 set. 2017.
- BARTHOLO, T. L. *et al.* Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17. , 2011., Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-14. Disponível em: <[www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII\\_CONBRACE/2011/index](http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index)>. Acesso em: 13 out. 2017.
- BASSANI, J. J. ; TORRI, D.; FERNANDEZ VAZ, A. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2003. p. 89-112
- BELBENOIT, G. **O desporto na escola, temas pedagógicos**. Estampa: Lisboa, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O desporto na escola**. Lisboa: Estampa, 1974.
- BETTI, I.C.R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v.1, n.1, p.25-31, 1995.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- \_\_\_\_\_. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 13, n. 2, p.282-287, jan., 1992.
- BORSA, Juliane Callegaro. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Psicoglobal-Psicologia**, Porto, v. 142, n 1. p. 1-5, 2007.
- BRACHT, V. A. Criança que pratica esporte respeita as regras do jogo capitalista. **Revista Brasileira de Ciência do esporte**, São Paulo, v. 7, n. 2. p. 62-68, 1986.
- \_\_\_\_\_. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12 - 2000.
- \_\_\_\_\_. A. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. Lei n. 12.395, de 16 de Março de 2011. Altera as Leis nos 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei no 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências. In: \_\_\_\_\_. **Planalto**. Brasília: Planalto, 2011.

Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm)>. Acesso em: 20 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério do Esporte. **Lei n. 9615**, de 24 de Março de 1998. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental., 1997.

CARVALHO, R. A. T. ; HAAS, C. M. Um estudo sobre as Políticas Públicas no Esporte em relação a evasão dos atletas na Educação Superior. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GESTÃO DO ESPORTE E DO ENTRETENIMENTO, 2., 2014., São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNINOVE, 2014. p. 132-146.

CECCON, C. *et al.* **A Vida na Escola e a Escola da Vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

CONCEIÇÃO, D. M. **Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol – entre o vestiário e o banco escolar**. 2014. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Departamento de Antropologia e Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC: Florianópolis, 2014.

\_\_\_\_\_. **O educar que se repele: um estudo sobre escolarização e profissionalização futebolística em Florianópolis**. 2013. 35 f. Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais (Monografia)- Departamento de Antropologia, Departamento de Sociologia e Ciência Política, UFSC: Florianópolis, 2013.

\_\_\_\_\_. **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação**. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2015.

CORREIA, M. M. Jogos Cooperativos e Educação Física escolar: possibilidades e desafios. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, 2006.

\_\_\_\_\_. **Jogos cooperativos na escola: possibilidades e desafios na Educação Física escolar**. 2004. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação e Letras, Nova Iguaçu, 2004.

DAMATTA, R. “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, In: \_\_\_\_\_ (org.). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, A. S. **Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n.23, p. 87-118, 1999.

\_\_\_\_\_. **Do Dom à Profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França.** São Paulo: Aderaldo e Rothschild Editora, Anpocs, 2007.

DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

FREIRE, I. B. **Pedagogia do futebol.** 2.ed. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

FREYRE, G. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco,** Recife, p. 4,17 jun. 1938.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo, Atlas, 2008.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte de multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, J. E. R. P.; GUEDES, D. P. Características dos programas de educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física,** São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-62, 2017.

GUERIERO, D. A.; ARAÚJO, P. F. A. Educação Física escolar ou esportivização escolar. **Revista Digital,** Buenos Aires, v. 10, n. 78, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd78/esportiv.htm>> Acesso em: 12 set. 2017.

GUERRA, R. A. P.; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. **Rev Bras Futebol,** Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 30-37, 2008.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2013.

HANKEY, T. **Futebol.** São Paulo: Girassol, 2007.

HOTZA, M. A. S. **O abandono nos cursos de graduação da UFSC em 1997: a percepção dos alunos-abandono.** 2000. 86 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

IBGE. **Censo Demográfico de 2014: taxa de escolarização.** Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

KAZ, L. *et al.* Dando tratos à bola: futebol e Brasil. **Revista USP,** São Paulo, n. 99, p. 67-78, 2013.

KUGELMANN, C. O conceito de gênero: como tratar com meninas e meninos? **Sportpädagogik,** Baltmannsweiler, n. 1, p. 25-28. 1997.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino & mudanças.** Ijuí: UNIJUÍ, 1991.

\_\_\_\_\_. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 2001.

LEVENFUS, R. S. Orientação Vocacional Ocupacional. In.: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (orgs.). **Orientação Vocacional Ocupacional.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 117-132.

LINHALES, M. A. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais.** São Paulo, Cortez Editora, 2009.

- LISBOA, M. D. Ser Quando Crescer... A Formação da Identidade Vocacional. In.: LEVENFUS, R. S. (org.). **Psicodinâmica da Escolha Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 109-122.
- LORENZINI, R. A. *et al.* Impactos educacionais e pedagógicos do esporte educacional. In: LORENZINI, R. A.; SANTOS, F. L. A. **Esporte Educacional**. Recife: Edupe, 2015. p. 91-118.
- LOVISOLO, H. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.7, n. 15, p.107-117. 2001. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1153/115318170009/>>. Acesso em: 13 out 2017.
- MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- NEUENFELDT, D.; DE SALLES C. M. Repensando o esporte na Educação Física escolar a partir de Cagigal. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 14, 2001.p 28-26.
- OLIVEIRA, A. F. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 13, p. 170-174, 2012.
- OLIVEIRA, B. A. *et al.* **Ensinando e aprendendo esportes no programa Segundo Tempo**. Paraná: Editora da UEM, 2011.
- OLIVEIRA, J. F. *et al.* Ensino Superior noturno no Brasil: democratização do acesso, da permanência e da qualidade. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 19, n. 40, p. 247-267. 2010.
- RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológico**. Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65. 2008.
- ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**. São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.
- RUBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**. São Paulo, v. 18, n. 1, 2006.
- SANTAMARIANA, C. MARIANAS, J. M.. Histórias de vida e história oral. In: DELGADO, J. M.; GUTIERREZ, J. (Coords.) **Métodos y técnicas cualitativas de investigación em las ciencias sociales**. Madri: Síntesis Psicológica. 1998. p. 259-287
- SANTOS, C. J. Repensando o estilo à brasileira: escolinhas de futebol e aprendizagem esportiva. In:\_\_\_\_\_. TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. (Org.) **Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 217- 254.
- SANTOS NETO, J. M. **Visão do jogo primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Natify, 2002.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

\_\_\_\_\_. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, n. supl. 2, 2017. p. 6-12

SOARES, D. H. P. As diferentes Abordagens em Orientação Profissional. In.: LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. (orgs). **Orientação Profissional em Ação**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2000. p. 24-47

SOUZA, C. A. M. de *et al.* Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, 2008.

SOUZA JÚNIOR, M. *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TAVARES, M. O ensino do jogo na escola: uma abordagem metodológica para a prática pedagógica dos professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v. 16, n. 2, 1995. p. 100-017

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZARDO, N. T.; DANIEL, J.V. Aulas de Educação Física: porque sempre esporte? **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 10. n. 151, 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd151/aulas-de-educacao-fisica-escolar-por-que-sempre-esporte.htm>> Acesso em: 12 nov 2017.